

ANDRÉ ILHA

POR UM TRIZ



AVENTURAS ABSURDAS E
ENGRAÇADAS NAS TRILHAS
E MONTANHAS DO BRASIL


valentina

POR UM TRIZ

“André Ilha já publicou vários textos muito bons e inspiradores, mas o tipo de relato aqui abordado, divertido e coloquial, é raro na literatura associada ao montanhismo, tanto no Brasil quanto no exterior. Há inúmeras passagens engraçadíssimas e, como todo bom texto de não ficção, este livro também contribui com o registro histórico de fatos e situações que, com o passar do tempo, poderiam vir a figurar na categoria dos mitos ou lendas.”

Silvério Nery (ex-presidente da Confederação
Brasileira de Montanhismo e Escalada)

ANDRÉ ILHA

POR UM TRIZ




valentina

Rio de Janeiro, 2016

1ª Edição

Copyright © 2015 by André Ilha

CAPA
Beatriz Cyrillo

FOTO DE CAPA
Stijn Dijkstra / EyeEm / Getty Images

DIAGRAMAÇÃO
FA studio

Impresso no Brasil
Printed in Brazil
2016

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
BIBLIOTECÁRIA: FERNANDA PINHEIRO DE S. LANDIN CRB-7: 6304

I27p

Ilha, André

Por um triz / André Ilha. — 1. ed. — Rio de Janeiro: Valentina, 2016.
248 p. + 16 páginas de foto; 23 cm.

ISBN 978-85-5889-002-1

1. Trilhas — Brasil. 2. Caminhada (Esporte) — Brasil. 3. Montanhas — Brasil.
I. Título.

16-31142

CDD: 918.1
CDU: 913(81)

Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com
o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA VALENTINA
Rua Santa Clara 50/1107 – Copacabana
Rio de Janeiro – 22041-012
Tel/Fax: (21) 3208-8777
www.editoravalentina.com.br

≡ SUMÁRIO ≡

AGRADECIMENTOS	7
PREFÁCIO	8
INTRODUÇÃO	10
CONCEITOS BÁSICOS DA ESCALADA EM ROCHA	13

PARTE I: OS ANOS 70

CAPÍTULO 1	O voo do Bruxo	17
CAPÍTULO 2	Primórdios	30
CAPÍTULO 3	Os três porquinhos	34
CAPÍTULO 4	Uma noite na floresta	39
CAPÍTULO 5	Crise no Irmão Menor	45
CAPÍTULO 6	Três óculos para Iemanjá	53

PARTE II: OS ANOS 80

Capítulo 7	Perseguição na Baía de Guanabara	59
Capítulo 8	Aventuras subterrâneas	63
Capítulo 9	Os turistas suíços	73
Capítulo 10	Cena carioca	78
Capítulo 11	Noites geladas no topo da Serra do Mar	85
Capítulo 12	Encontro macabro	98
Capítulo 13	Apuros em Cachoeiras de Macacu	102
Capítulo 14	Noite de macaco	117

PARTE III: DOS ANOS 90 EM DIANTE

- Capítulo 15** A ira de Zeus 127
- Capítulo 16** Escalada para o Mundo 133
- Capítulo 17** A saga do *Diedro Vermelho* 141
- Capítulo 18** O Projeto Guaratiba 149
- Capítulo 19** Venezuela selvagem (*ma non troppo*) 164
- Capítulo 20** Choque cultural 179
- Capítulo 21** O empata-foda 183
- Capítulo 22** Por um triz 187

PARTE IV: COLETÂNEAS

- Capítulo 23** Cidade partida 197
- Capítulo 24** Insetos 216
- Capítulo 25** Curtas 226

GLOSSÁRIO 241

— AGRADECIMENTOS —

Agradeço, primeiramente, a todos com quem partilhei os vibrantes momentos na montanha ou em seu entorno descritos neste livro, assim como a todos os outros que nele não couberam. Momentos bons ou ruins, divertidos ou tensos, agitados ou contemplativos, mas sempre enriquecedores, mostrando por que o montanhismo é uma atividade tão especial, que permite aos seus praticantes, ainda que temporariamente, a fuga daquilo que Baudelaire chamou de “as pesadas trevas da existência comum e cotidiana”.

Alguns desses amigos ainda me fizeram a gentileza de corrigir dados e acrescentar aos episódios detalhes que haviam se desbotado na minha memória. Isso certamente deixou o texto mais interessante, preciso e completo.

Ao Sassá e à Galiana Lindoso devo o estímulo definitivo para colocar no papel, enfim, histórias que contava aos amigos havia décadas, porém sempre protelando o desafio de converter a palavra falada em palavra escrita.

Sou profundamente grato à minuciosa revisão dos originais feita por Rodolfo Campos e, depois, por Emanuel Castro. O texto ficou bem melhor e mais enxuto após suas pertinentes observações e correções, e muito se beneficiou por ter sido objeto dos olhares complementares de um escalador e de um não escalador. E também a Luciana Cavalcanti que, com olhos de lince, fez o copidesque final do volume antes da entrega à editora.

Minha gratidão se estende a Silvério Nery, pois ser convidado a prefiar uma obra qualquer sem conhecê-la antes é decisão de alto risco para o convidado. Mas seus comentários generosos me fazem crer que, talvez, eu não o tenha deixado em apuros tão grandes assim.

Este livro não teria se materializado se não fosse por Rafael Goldkorn, da Editora Valentina, ter acreditado no seu potencial. Deixo aqui registrado o meu sincero reconhecimento por isso.

Por fim, agradeço imensamente à minha mulher, Cristine Cury, pelo incentivo e pela paciência de aguentar tantas horas furtadas ao nosso convívio enquanto eu me isolava para escrever e reescrever estas histórias absurdas, engraçadas, sérias, inesquecíveis, memoráveis, tensas, curiosas, bizarras...

≡ PREFÁCIO ≡

Foi com grande satisfação que recebi o convite do amigo André Ilha para prefaciar seu livro de *causos*. André é um dos mais ativos escaladores do Brasil, certamente um recordista em quantidade de primeiras ascensões de paredes e cumes virgens pelo país afora, e já publicou vários textos muito bons e inspiradores, principalmente guias de escalada e artigos destinados à divulgação da escalada brasileira em revistas estrangeiras. Mas o tipo de relato aqui abordado, divertido e coloquial, é um tanto raro na literatura associada ao montanhismo, tanto no Brasil quanto no exterior. Aqui nas terras tupiniquins, o livro do André se junta ao simpático conjunto de histórias não menos absurdas de Tuco Egg, *Meia Corda e outras incríveis histórias medíocres de montanha* (Ed. Grafar, Joinville, SC), que o próprio André reconhece como grande motivador para sua decisão de escrever este seu ótimo *Por um triz*.

Tendo iniciado na escalada nos anos 1970, André foi um pioneiro em vários aspectos do montanhismo nacional. O longo caminho percorrido passa pela conquista de vias que se tornaram clássicas, pela evolução da técnica e da ética na montanha, e também pela percepção, inicialmente intuitiva, da necessidade da conservação do meio ambiente como condição *sine qua non* para a prática do montanhismo e de outras atividades lúdicas e desportivas outdoor, que dependem das áreas naturais para sua própria existência. Tudo isso é cenário de fundo neste livro. Nas entrelinhas das engraçadíssimas histórias contadas com maestria pelo André, percebe-se claramente a importância e o significado desses contextos.

Como todo bom texto de não ficção, *Por um triz* também contribui com o registro histórico de fatos e situações que, com o passar do tempo, poderiam vir a figurar na categoria dos mitos ou lendas, entre as quais se destaca a impressionante narrativa dos seminários de resgate no Petar (Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira). O relato dos famosos exercícios, além de muito divertido, faz parte da história da espeleologia e do excursionismo brasileiros. Outros registros de grande importância, desta vez relacionados com o movimento ambientalista, são as peripécias vividas por ocasião da Rio 92. O tempo vai passando, e esses

fatos acabam se perdendo na memória. Publicar registros escritos é o remédio certo para evitar tal amnésia.

Ao longo de todo o livro há inúmeras passagens engraçadíssimas, como a cena da Agulhinha do Inhangá — que nada fica devendo aos melhores textos de humor televisivo — ou a menção à impagável frase do Sérgio Tartari sobre a escalada no Mali, mas, ao mesmo tempo, quase todos os *causos* são bastante instrutivos quanto a procedimentos de segurança. Esse aspecto é bastante evidente em “Nó assassino”, no qual André faz a defesa da simplicidade de procedimentos na escalada. Mas é na história dos bivaques forçados no Pico Maior que a narrativa fica um pouco mais séria ao mostrar que uma sequência de pequenos erros pode levar à rápida deterioração nas condições de uma dupla de cordada. Mais um ou dois erros dessa natureza e o desenlace poderia ter sido terrível!

E ainda somos brindados com o relato da viagem ao Monte Roraima, uma expedição internacional com particularidades logísticas e aspectos culturais muito interessantes, dentre os quais a pequena aula sobre os prejuízos ambientais causados pelo uso histórico das queimadas como método de preparação do solo para plantio ou pastagem.

Que o André continue escalando e escrevendo! Suas vias e histórias novas, absurdas ou não, serão sempre bem-vindas! Espero que, como eu, apreciem sem moderação.

Silvério Nery

Ex-presidente da Federação de Montanhismo do Estado de São Paulo (Femesp) e da Confederação Brasileira de Montanhismo e Escalada (CBME).

INTRODUÇÃO

Este livro reúne os relatos de uma série de situações que vivenciei em mais de quatro décadas de prática intensa de caminhadas e escaladas em rocha no Brasil. São histórias inusuais, muitas delas absurdas, e às vezes precisarei contar com a boa vontade do leitor para que aceite que de fato aconteceram, que não são frutos de uma mente criativa com pouco apreço pela verdade. A meu crédito tenho o fato de que eu quase nunca estava sozinho nesses momentos, e meus companheiros e companheiras de aventuras, estando todos ainda vivos, podem não apenas confirmá-las como, também, se divertir com as lembranças dos momentos intensos que passamos juntos nas montanhas, falésias e ilhas onde elas se desenrolaram.

Estas histórias foram contadas por mim muitas vezes, e meus amigos sempre me diziam que eu deveria reuni-las em um livro para que não se perdessem. Sempre tive a firme intenção de fazer isso, e cheguei até a elaborar um roteiro simples para me guiar nessa tarefa, mas, envolvido com outras questões, inclusive outros livros, acabava não dando o passo concreto inicial. Minha inércia foi enfim rompida quando um casal de amigos do Paraná me presenteou com um pequeno livro que um amigo deles havia acabado de lançar. *Meia Corda e outras incríveis histórias medíocres de montanha*, do também paranaense Tuco Egg, é um livro escrito exatamente no espírito e no formato que eu pretendia. Apesar da palavra “medíocres” do subtítulo ser uma grosseira subestimação dos episódios também incríveis que Tuco viveu, trata-se de um trabalho despretensioso e divertidíssimo de se ler, que me motivou, finalmente, a colocar no papel as minhas próprias histórias. Ou parte delas, pelo menos.

A precisão dos relatos aqui contidos é garantida pelo fato de que tenho um registro sucinto de tudo o que fiz na montanha a partir de fevereiro de 1976, complementado por notas fragmentárias, daí até as minhas primeiras caminhadas em 1973. Como já foi dito, muitas dessas histórias foram recontadas inúmeras vezes em rodas de conversa pós-escalada, acampamentos, festas e mesas de bar, sempre com muito sucesso entre os ouvintes, o que contribuiu para que detalhes pitorescos inexistentes em meus apontamentos objetivos não tenham

se perdido. Isso também facilitou a construção da narrativa, que às vezes fluía tão bem que eu mais parecia estar psicografando palavras ditadas do além. Em alguns casos, enviei o texto original para as pessoas que estavam comigo nos dias em que os fatos aconteceram, e os poucos reparos feitos me tranquilizam quanto à precisão do conteúdo. Os diálogos também foram reconstruídos tão fielmente quanto possível.

Dividi os capítulos em quatro partes. Na primeira, *Os anos 70*, conto as aventuras vividas no meu início de carreira na montanha, algumas quando eu ainda era menor de idade. Elas englobam o momento em que, proporcionalmente, eu estava em melhor forma física e técnica em relação ao estado da arte do esporte no país. O ano de 1977 foi especialmente marcante em termos de boas histórias.

Os anos 80, a segunda parte do livro, abrange uma década em que a escalada brasileira experimentou um salto sem precedentes em termos de dificuldade e de novas técnicas e conceitos. Participei intensamente dessas transformações, mas em algum instante me distanciei dos escaladores de ponta devido a compromissos de trabalho e familiares que não possuía antes, e também porque sempre preferi escaladas mais aventureiras e menos atléticas. Essa característica, no entanto, favoreceu que eu me metesse frequentemente em apuros, que renderam situações inesquecíveis.

A terceira parte, *Dos anos 90 em diante*, reúne episódios interessantes ocorridos nos últimos 25 anos, porém apenas aqueles que se passaram no Estado do Rio de Janeiro ou muito próximo a ele. Isso porque, a partir de 2000, eu comecei a viajar sistematicamente para Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia e outros estados do Nordeste com um pequeno círculo de amigos em busca de montanhas virgens. O Brasil é um dos poucos países do mundo em que ainda é possível encontrá-las, e tirei o melhor partido possível desse fato. Tive o privilégio de subir diversas dezenas de grandes montanhas que até então não haviam visto a presença de humanos em seus cumes, o que gerou um material tão rico que será objeto, espero, de outro livro.

Por fim, três capítulos múltiplos, independentemente da época em que se deram os eventos ali narrados, compõem a última parte, *Coletâneas*. “Cidade partida” relata episódios de violência urbana em montanhas ou próximo a elas na cidade do Rio de Janeiro, e “Insetos” possui um título autoexplicativo. Já “Curtas” reúne histórias pequenas, que não justificavam um capítulo independente.

Por incrível que possa parecer, este livro não é uma compilação completa das situações palpitantes que vivi nas montanhas ou em torno delas. É, antes, uma antologia, um “melhores momentos”, pois temia cansar o leitor. Sou grato por ainda estar vivo depois disso tudo!

Como dito acima, eu acompanhei de perto as transformações sofridas pela escalada em rocha ao longo desses anos todos e tive participação direta em algumas delas. Assim, aproveitei para contar um pouco sobre o contexto em que os acontecimentos aqui narrados se deram, para melhor posicionar o leitor e também para servir de registro histórico de uma época e de alguns de seus principais fatos. Ou, ao menos, como eu os enxerguei.

Aproveitei ainda para contar um pouco sobre as minhas motivações, como, por exemplo, nos capítulos “O Projeto Guaratiba” e “Escalada para o Mundo”. Para deixar o texto mais leve, citei os nomes apenas das pessoas mais diretamente envolvidas com os fatos descritos, e em uma ou outra passagem menos edificante para os protagonistas também omiti seus nomes, pois este é apenas um livro de histórias, e não um acerto de contas. Não guardo mágoas de ninguém.

Por um triz não é um volume escrito apenas para montanhistas. As narrativas que ele contém me pareceram capazes de despertar algum interesse mesmo em pessoas que nunca escalaram uma rocha nem puseram os pés em uma trilha. Por isso, a linguagem empregada foi a mais genérica possível, reduzindo ao máximo a utilização de termos técnicos. Quando aparecem, vêm acompanhados de uma explicação sucinta, e há também um glossário ao final do volume. Julguei conveniente, ainda, preceder os capítulos de um pequeno texto explanando alguns conceitos básicos da escalada, coisas um tanto abstratas para leigos, mas cujo entendimento prévio será de grande valia para a leitura.

Espero que gostem e, principalmente, se divirtam!